

CONSEQUÊNCIAS DAS CRISES ECONÔMICAS NO BRASIL, NA VISÃO DE ADMINISTRADORES E GESTORES

CONSEQUENCES OF ECONOMIC CRISES IN BRAZIL, IN THE VISION OF MANAGERS

Raul Gomes Pinheiro*
Valdecir Alcântara de Andrade**
Valdinei dos Santos Nascimento***

RESUMO

O artigo tem por objetivo exibir os resultados de pesquisas efetuadas com gestores da alta administração em empresas do Brasil. O método de pesquisa quantitativa buscou entender a percepção dos gestores em escolhas e decisões assumidas frente aos impactos da crise econômica. Os resultados demonstraram certa fragilidade na manutenção e estabilidade do emprego. A redução dos níveis de investimentos e consumo foi mais uma consequência da redução da atividade econômica. Foi demonstrado um percentual elevado de 90,91% entre 22 entrevistados, que quase todas as empresas foram prejudicadas pela crise. A opinião dos entrevistados em relação aos efeitos nocivos da corrupção da classe política brasileira, juntamente com a pesada carga tributária, são os principais motivos da estagnação atual da economia nacional. É de extrema importância que os nossos líderes promovam medidas que propiciem um ajuste fiscal abrangente não deixando de realizar efetiva e substancial redução dos custos da ineficiente máquina pública.

Palavras-chave: Crises Econômicas. Crise Política. Crises do Capitalismo.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the results of surveys done with managers of high management in brazil companies. The method of quantitative research sought to understand the perception of managers in choises and decisions taken against the impacts of the economic crisis. The results showed some weakness in the maintenance and stability of employment. The reduction in levels of investment and consumption was more a consequence of reduced economic activity. It has been demonstrated a high percentage of 90,91% among 22 interviewees, that almost all companies were hampered by the crisis. The opinion of the respondents regarding to the harmful effects of corruption of the Political class in Brazil, together with the heavy tax burden, are the main reasons for the current stagnation of the national economy. It is of the extreme importance that

* Doutor em Administração USCS-SP. Mestre em Ciências Contábeis FECAP-SP. Professor FECAP-SP. raulpinheiro@hotmail.com

** Especialista em Controladoria. valdecir.alcantara.a@terra.com.br

*** Especialista em Controladoria. valdinei.nascimento@edu.fecap.br

our leaders promote measures that provide a fiscal adjustment comprehensive not leaving to perform effectively and substantially reduce the costs of inefficient public machine.

Keywords: Economic Crises. Political Crises. Crises of capitalism.

Introdução

Em momentos de crises econômicas, a gestão financeira eficiente tem se mostrado necessária e indispensável. Palavras como contínua modernização e inovação administrativa fazem parte do contexto de trabalho da administração empresarial atual. Saber direcionar e empreender esforços no sentido de posicionar as empresas para ter lucratividade e ganhos, dentro de padrões éticos elevados, atuando dentro dos limites das leis tributárias, cíveis, societárias, ambientais e criminais, tornou-se obrigação para os profissionais da área de gestão e administração de empresas.

O profissional de controladoria incluindo gestores e administradores, se conectados e sensíveis às alterações econômicas globais, terão condições de influenciar diretamente e indiretamente na correta tomada de decisões. Quanto maior a procura por conhecimento, maior será o desempenho da Gestão

As mudanças propostas pela sociedade para combate de fraudes, elevou o grau de dificuldade para o desenvolvimento de práticas e métodos de controle. No entanto tal precaução tem o objetivo de reduzir riscos para investidores e clientes. A busca por informações seguras e confiáveis que não estejam fundadas somente em registros contábeis, fez com que fosse necessário a disponibilização de sistemáticas de controle com extrema acuracidade, sem ausência de erros e equívocos.

Quanto mais rápido for a identificação da crise econômica, mas rápido poderão ser dadas as devidas tratativas e soluções. Aos primeiros sinais de crise, os gestores e administradores definem e indicam estratégias e rumos a seguir para a alta cúpula da empresa. Evidentemente existe uma dificuldade real de avaliar as dimensões das crises econômicas quando estão emanando ou estão em andamento. Muitas vezes os impactos e problemas serão notados e avaliados tardiamente.

No campo prático, as contribuições esperadas desse estudo, tem por interesse em testar a percepção por parte dos gestores de empresas brasileiras, em temas importantes que atravancam o avanço de nossa economia a um patamar mais relevante.

Objetivo

Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho é verificar como as empresas em geral assimilam as atuais crises econômicas e financeiras sob a perspectiva de vista da alta gestão e administração.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos, elaboram-se os seguintes:

- a) certificar-se como as empresas do Brasil estão superando a crise iniciada em 2011.
- b) verificar quais decisões relevantes foram praticadas em busca de soluções para a crise.

Justificativa

O estudo tem por interesse sinalizar como os responsáveis pela Administração das empresas encontram soluções para as crises econômicas e financeiras provenientes de crises globalizadas e internas. Quais foram as abordagens técnicas decisórias frente a crise de 2011, desde a identificação da crise e suas óbvias e possíveis consequências.

Problema

Qual é o papel dos *controllers*, administradores e gestores na identificação e solução das crises econômicas e financeiras globais e locais, que afetarão economicamente as empresas?

2 Referencial Teórico

2.1 Gestores

O Gestor é o profissional que sempre deve se utilizar de mecanismos e dispositivos que tratam a origem das informações com segurança e integridade, sempre se preocupando com a veracidade e a agilidade das informações. Sua incumbência central

é lograr, produzir, elucidar e averiguar informações que possibilitem a utilização na política organizacional da empresarial. Ajuda diretamente os diretores e gerentes de áreas operacionais da empresa no processo decisório e no planejamento tático e operacional (ZUCCARI; BELLUZZO, 2016).

O gestor deve ter a capacidade de prever problemas e propiciar os elementos necessários para as devidas soluções. O Gestor, administrador ou *controller* necessita:

Possuir perfil estrategista com conhecimento abrangente das diversas funções administrativas, bem como das operações e do mercado de atuação da organização; conhecer as principais regulamentações nas quais as organizações estão sujeitas, para que possa monitorar e auxiliar na assecuração do *Compliance*; buscar a implementação de um robusto sistema de controles internos que suporte a mitigação de riscos estratégicos, operacional, comunicação e *Compliance*: suportar o processo de governança corporativa da organização, espalhando uma cultura ética e de defesa dos interesses dos acionistas (PADOVESE et al., 2013, p. 33-34).

2.2 O capitalismo e as crises econômicas

De acordo com Harvey (2011, p. 6), “o capital é o sangue que flui através do corpo político de toda sociedade que chamamos de capitalistas e, graças a esse fluxo que nós, que vivemos no capitalismo, adquirimos nosso pão de cada dia”. Entender o capitalismo, seus caminhos e sua singular lógica de conduta é primordial para a compreensão das condições do mundo em que vivemos. As mudanças econômicas das nações que praticam o capitalismo de mercado, tem especificidades e reflexos similares na economia globalizada.

As crises destacadas aqui são as crises econômicas que historicamente também são conhecidas como crises do capitalismo. São convulsões econômicas originárias sempre de uma anomalia no sistema capitalista. De acordo com Carvalho e Pignata (2015, p. 6): “A crise econômica é considerada como uma das fases do ciclo econômico, juntamente com a superprodução, recessão e depressão associada ao decréscimo do PIB”.

A seguir, em ordem cronológica, um resumo com algumas crises econômicas mundiais, os motivos que ocasionaram as crises econômicas e as iniciativas que foram utilizadas para superação. Algumas crises econômicas são estendidas por muitos anos e atingem vários países, sendo consideradas como crises globais. Algumas crises do Capitalismo não serão objetos para o referencial teórico, no entanto, ficam apontadas resumidamente no quadro 1. Com mais detalhes, vamos iniciar pela primeira grande crise

mundial do capitalismo moderno que foi o Crack das bolsas de 1929 até a atual crise econômica brasileira. Vamos comentar com mais ênfase, as crises de 1929, de 1973, de 1979, de 2008 e a atual crise brasileira iniciada em 2011.

Quadro 1 – Evolução histórica das principais crises mundiais a partir de 1929

Ano	Crise/Motivo	Superação
1929	“O Crack de 1929”. Queda dos preços das ações do mercado industrial e agrícola	Criação da Comissão de Valores Mobiliários (SEC)
1971	“Fim do Sistema padrão ouro”. Os gastos excessivos dos EUA na guerra do Vietnã e a ameaça da troca de dólares em poder dos Europeus pelo ouro dos EUA.	Desvalorização da moeda e a adoção de câmbio flutuante no EUA.
1973	O bloqueio petrolífero no conflito árabe-israelense. Elevação de US\$ 2,50 a US\$ 11,50 no Barril de petróleo.	Criação da Agência Internacional de Energia (AIE).
1979	A Revolução Iraniana. Redução da oferta de Petróleo para o Ocidente. Aumento de preços do barril de petróleo	Foram realizadas investidas diplomáticas à Arábia Saudita para aumento de produção.
1980	Iraque invade Irã. Aumento de preço do Petróleo para US\$ 40,00.	Os elevados preços fizeram o Ocidente a elevar a produção própria de petróleo.
1987	A segunda feira negra. Gestão inadequada de informações confidenciais de empresas com ações no mercado dos EUA.	Otimização do gerenciamento monetário internacional e dos fundamentais tópicos econômicos.
1994	A Crise do Peso Mexicano. Desvalorização da moeda.	Os EUA intermediou um empréstimo de 50 bilhões de dólares para o México para evitar maiores problemas nas economias globais
1997	A Crise dos gigantes Asiáticos. Desvalorização das moedas Asiáticas	O FMI constituiu uma série de pacotes para recuperar as economias mais atingidas.
1998	A crise do Rublo. Colapso do sistema bancário Russo.	O FMI concedeu créditos para amenizar possíveis efeitos globais.
2000	A crise das Ponto com Manobras contábeis nas empresas de Telecomunicações.	O Fed reduziu 0,5 ponto percentual a taxa básica de juros do EUA.
2001	As Torres Gêmeas. Atentado terrorista de 2001 nos EUA.	Forte redução da taxa de juros pelo FED. O Objetivo era manter os investimentos nos EUA para promover a guerra.
2001/2002	A crise Argentina. Fuga de capitais. Desvalorização e grande perda de compra da moeda Argentina	Fim da paridade do peso x dólar
2008/2009	Bolha imobiliária nos EUA, com reflexos das economias do mundo inteiro.	Programa de resgate e reforma financeira nos EUA, Ásia e Europa
2009/2010	A crise da dívida Europeia. Déficit da Grécia e de alguns países da Europa	Resgate financeiro público para os países em crise na Europa.
2011/Atual	Crise política e econômica brasileira. Corrupção e aparelhamento de Estado. Crise regional brasileira	Ajuste fiscal em andamento, redução de custos do setor público, reformulação trabalhista e previdenciária em discussão.

Fontes: Harvey (2011); Cunha et al., (2015); adaptado pelos autores

2.2.1 Crises com menor influência na economia do Brasil

Algumas crises econômicas não influenciaram nossa economia como as crises que vamos destacar nos próximos subtítulos. Algumas convulsões econômicas foram locais ou ocorreram em poucos países, tais como, a crise argentina, a crise do peso mexicano, a crise do rublo, o ataque às torres gêmeas, a guerra do Irã contra o Iraque e a crise das empresas ponto com. Quando a crise atinge parceiros econômicos, conseqüentemente, exportações de nossas *commodities* são reduzidas e desvalorizadas por falta de demanda.

2.2.2 O crack de 1929

De acordo com o quadro 1, após o advento da primeira guerra mundial, os EUA alcançaram o topo de país mais próspero do mundo. Era também o maior avalista do mundo, principalmente da Europa. As reservas de ouro norte-americanas quase que dobraram entre 1913 a 1924 totalizando 45,7%. Sua participação na produção mundial passou de um terço em 1913 perfazendo quase metade da produção mundial em 1929. Alemanha, Reino Unido e França tinham 28% do percentual mundial juntos (FERRARI FILHO; SILVA, 2012).

No fim da década de 1920, após anos de prosperidade pós 1ª guerra, notava-se gradualmente uma excessiva produção Industrial e Agrícola com crescente contração da demanda de consumo principalmente externa. Em Nova York, em 24 de outubro de 1929, as cotações dos papéis negociáveis, reverteram as crescentes valorizações acumuladas dos últimos anos. “Diante do cenário de crise, iniciou-se uma corrida contra o tempo para que os acionistas vendessem suas ações. O que se notou foi uma acelerada desvalorização das ações e um espantoso declínio nos investimentos, na produção e do emprego” (KRILOW; MARTINS, 2015).

A Grande Recessão estagnou a estrutura econômica do Ocidente e paralisou o Brasil quase levando o País à bancarrota. Dois meses antes da quebra da bolsa nova-iorquina, a saca do café estava avaliada no mercado global perto dos 200 mil-réis. Em janeiro de 1930 desmoronou para 21 mil-réis. De acordo com Lopes (2014, p. 10), com a queda da Bolsa de Nova Iorque, a situação mudou. A economia do país desestabilizou-se; as exportações cessaram. Milhões de lavouras foram arrancadas, sacas de café foram queimadas, cafeicultores chegaram à falência. O tempo dos Barões do café havia chegado ao fim.

Com o propósito de evitar novas grandes crises econômicas, em 1934 o Congresso dos Estados Unidos criou a “Securities Exchange Act” (SEC), para controlar o comércio de ações e evitar excessos institucionais relativos à oferta e a venda de títulos; à SEC foi concedido a autoridade de licenciar e regulamentar as bolsas de valores, operando as informações ao público sobre os títulos e as instituições a serem contratadas (HORNUF; SCHWIENBACHER, 2014).

2.2.3 A crise econômica de 1973. Conflito Árabe Israelense

Conforme o quadro 1, em 1973, em pleno Ramadã Judeu, no dia da festa do Yom Kipur, os exércitos do Egito e da Síria surpreenderam Israel em um ataque bélico ousado. Várias posições estratégicas Israelenses foram perdidas; com a União Soviética apoiando a Síria e o Egito nos ataques, os Estados Unidos se contrapõe e decide apoiar Israel com armas e disponibilização de serviços de inteligência. Poucos dias depois Israel venceria ambas as nações expulsando o inimigo de seu território (PAGLIARI et al., 2015).

A OPEP, em solidariedade ao Egito e Síria, boicotou os EUA e outros países do ocidente com a elevação do preço do barril de petróleo. Em poucos dias o barril passou de US\$ 2,90 para US\$ 11,00. Além da elevação do preço do barril de petróleo, a OPEP também anunciou o corte do volume de produção de 15% a 20% (PAGLIARI et al., 2015).

Temendo desemprego e bagunça generalizada no setor produtivo, o Brasil mantém as compras do óleo a preços altíssimos, tenta estimular exportações de bens manufaturados e investe posteriormente em projetos de produção de álcool, como alternativa de combustível à caríssima gasolina; nos anos seguintes, o endividamento brasileiro começa a se elevar e o nível de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) se sustenta no campo positivo, embora em patamares bem inferiores à média de 9% registrada durante os anos do milagre econômico IPEA (2010).

Essa recessão e a maioria das recessões econômicas após 1973 foram precedidas por aumentos de preços do petróleo. A gradual sujeição dos países industrializados por petróleo importado ampliou a instabilidade e propiciou que o poder dessa *commodity* se avultasse a ponto de ser apontada e empregada como arma e escudo político (KILIAN, 2016).

2.2.4 A revolução Iraniana de 1979

Conforme quadro 1, no ano de 1978, o povo Iraniano desiludido com o governo corrupto e autocrata do Xá Mohamed Reza Pahlevi, lota ruas e praças clamando pelo fim da alienação econômica e política do Irã frente aos governos dos Estados Unidos e Inglaterra (BRUNO, 2014).

Depois de um ano repleto de manifestações, no 1º de fevereiro de 1979, o Aiatolá Khomeini assume o governo em Teerã, instaurando a República Islâmica Iraniana que fechou as fronteiras do país às instigações externas. Apoderado, o Aiatolá instituiu a redução da oferta de petróleo em cerca de 50%, influenciando e disseminando a revolução

islâmica para outros países muçumanos. A ascensão do Aiatolá, impulsionou o aumento do petróleo árabe leve de 14,02 dólares em 1978 para 31,61 dólares em 1979, no auge da crise (PAGLIARI et al., 2015).

Com a Crise do Petróleo de 1979 o Brasil teve piora econômica e minimizou a capacidade em obter créditos e empréstimos junto aos países desenvolvidos. A década de 1980 ficou marcada e assinalada por alguns especialistas como década perdida para o desenvolvimento da economia brasileira. As consequências foram reduções expressivas do desempenho do PIB, desaceleração industrial, altíssimos índices de inflação, estacionamento da renda per capita e expressivo aumento do déficit público (MARANGONI, 2012).

2.2.5 A grande recessão de 2008

Conforme quadro 1, em 2007 o mercado imobiliário americano apresentava os primeiros sinais da crise financeira que se agravaria posteriormente. O HSBC no início de 2007 apresentou perdas irreversíveis na subsidiária americana Household Finance, devido às perdas do subprime. Nos meses subsequentes outros bancos hipotecários importantes divulgavam números alarmantes com sinais visíveis de uma breve crise Imobiliária. Em 2008 o Banco Bear Stearns foi resgatado pelo JP Morgan Chase, e na sequência o Banco Lehman Brothers, que na época era o quarto maior banco de investimentos dos Estados Unidos pediu falência (CUNHA et al., 2015).

O poder público Norte Americano imediatamente fez intervenções e resgatou outros bancos e seguradoras com investimentos públicos. Diferente da grande Crise de 1929, a intervenção econômica dos tesouros e governos dos países capitalistas, atuaram imediatamente para evitar o boom de especulações que poderiam influenciar e dimensionar a crise a patamares insustentáveis; outros países seguiram o mesmo exemplo dos EUA para evitar que a crise se tornasse especulativa. Na Europa a Alemanha aprovou um pacote no valor de 500 bilhões de euros, e a França 350 bilhões de euros (CUNHA et al., 2015)

No Brasil o governo Lula reagiu a crise estimulando a economia com um pacote de ajuda econômica. Em janeiro de 2009, o Banco Central do Brasil começou um processo de redução gradativa da taxa básica de juros. No prazo de 6 meses os juros selic passaram de 13,75% para 8,75%; as alíquotas do IPI foram reduzidas para as montadoras de automóveis, bem como as alíquotas de IOF de empréstimos para elevar o consumo; na

construção civil houve liberação de recursos do FGTS para construção de imóveis; as obras do PAC e programas sociais foram preservados e ampliados e se financiaram através de empréstimos do Tesouro e dos bancos públicos (JORGE; MARTINS, 2013).

2.2.6 Crise política e financeira brasileira de 2011 até atual

De acordo com o quadro 1, em 2010, o Presidente Lula, que contava na época com altos índices de popularidade, consegue a façanha de indicar e eleger a então ministra da Casa Civil Dilma Vana Rousseff para a Presidência da República do Brasil. No Discurso de posse a então Presidente ressaltou que o Brasil recentemente vivia uma fase histórica de geração de milhões de empregos. Destacou os avanços sociais alcançados, a alta taxa de crescimento do PIB dos últimos oito anos, e o fim da dependência política econômica do FMI (REIS, 2016).

Colocou-se em prática a em seu primeiro mandato, um novo plano econômico, que a princípio buscou seguir às demandas de diminuição de custo das empresas nacionais, com a renúncia fiscal e redução de impostos. Na conjectura de ativar um novo ciclo de investimentos, as taxas de juros gradualmente foram reduzidas; outras medidas de vigoroso aceno popular nos custos das empresas e famílias, foi a redução do custo das tarifas elétricas e o controle dos preços dos combustíveis pela Petrobrás (BELIEIRO JUNIOR, 2016).

Na sequência dos fatos a demanda mundial pelas principais *commodities* de exportação do Brasil, iniciaram o viés de queda de preços. Em função disso, verificou-se, progressivamente, redução dos saldos da balança comercial e um crescimento do déficit na conta de transações correntes, o que acabaria inevitavelmente por forçar a redução do ritmo interno das atividades (CUNHA et al., 2015).

Com interesse em governar o Brasil em um segundo mandato, a então Presidente da República deixou de realizar reformas importantes para a saúde fiscal do Brasil. Em outra linha, a política externa reduziu a força na política internacional. O papel decisivo e ativo logrado durante o governo anterior e a importante atitude disposta em assuntos sobre diferentes temas da política internacional foram trocados e deram lugar a movimentos esporádicos, sem intensidade e continuidade, sem um projeto de inclusão estratégica de longo prazo (SARAIVA, 2014).

Em 2013 boa parte da população brasileira estava insatisfeita com os investimentos públicos na infraestrutura dos estádios da Copa do Mundo de 2014. A

qualidade da Educação, da Saúde e principalmente dos transportes foi questionada. Vários comitês populares dos chamados grandes eventos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas de 2016, estavam organizados e discutiam o conjunto de mazelas sociais provocados pelos poderes públicos para garantir a construção dos estádios e instalações nas condições exigidas pelos organizadores dos eventos (CUNHA et al., 2015).

As investigações da operação lava-jato pela Polícia Federal e pelo Ministério público, tiveram influência negativa para o Partido dos Trabalhadores nas eleições de 2014. O cenário político brasileiro de 2014 e 2015 comprovou que o governo executivo brasileiro perdeu gradualmente a capacidade organizativa. A incapacidade de diálogo e a baixa disposição para relacionamento políticos multilaterais, comprometeram o apoio e as condições necessárias de governabilidade (COSTA PINTO et al., 2016).

As crises políticas começam por inúmeras discordâncias entre grupos políticos, que quase todas as vezes contradizem ao governo, interligadas a uma debilidade no plano administrativo de um país, estado ou município. Pode ser irrompido por golpes, revoluções e revoltas de cunho popular. Quando persevera por longo período de tempo, pode trazer empecilhos afetando gravemente a rotina institucional. Cria incertezas, equívocos e altos custos para o país, e podem alimentar crises econômicas prolongadas (CARVALHO; PIGNATA, 2015).

Na esteira econômica de 2015, o descongelamento do preço dos combustíveis e da energia trouxe forte impacto na economia do País. A inflação estava alcançando índices alarmantes. O governo para conter a inflação e reduzir o consumo que já estava baixo, aumentou a taxa de juros Selic para 13,75%. Vários postos de trabalho foram fechados, várias empresas faliram e outras atrofiaram financeiramente, confirmando o aprofundamento do ciclo de recessão.

Em 2016, após impactantes protestos de rua realizados em várias cidades do Brasil, o Congresso e o Senado votam pelo impeachment da Presidenta Dilma. Em agosto de 2016 o vice-presidente do Brasil, Michel Temer, assume a Presidência do Brasil. Com baixa popularidade, mas com grande poder de relacionamento com o Parlamento, se propõe a realizar as reformas necessárias para colocar o país nos trilhos.

Em maio de 2017 um elevado grau de dúvidas e incertezas impactou às perspectivas econômicas do país. A delação premiada da JBS escancarou o problema da corrupção política no Brasil a níveis nunca vistos anteriormente. A Política mais uma vez embarça o andamento da recuperação econômica. Esse acontecimento aplicou o

retardamento no cronograma das implementações do ajuste fiscal, o que revela que essa crise não tem prazo para dissipação (BONELLI et al., 2017).

3 Metodologia

O estudo foi desenvolvido mediante a aplicação de questionários. Foram coletados dados quantitativos de gestores e administradores quanto a percepção e atribuições de suas funções. Essa pesquisa realizada procurou obter dados essenciais para compreender a importância das decisões da gestão administrativa financeira praticadas nas empresas do Brasil, no cenário da crise atual. As entrevistas foram colhidas e armazenadas no site <https://pt.surveymonkey.com/r/2PRX687> no período de 04 de abril de 2017 a 05 de maio de 2017. Foram 23 entrevistados da alta gestão empresarial de diferentes segmentos e portes de faturamento.

3.1 Análise e discussão dos resultados

A apresentação dos resultados tem objetivo promover uma visão do processo de correlação e permitir a avaliação e discussão dos resultados coletados. A análise das percepções das consequências da crise econômica no Brasil e as soluções na visão de gestores e, por fim, a diagnose do papel da controladoria em momentos de crises.

3.1.1 Perfil da Empresa

O perfil dos respondentes demonstra que 4,5% (01) são *Controllers*, 22,7% (05) são Gerentes, 18,2% (04) são Sócios e 54,2% (12) outros cargos de coordenação ou supervisão. A pesquisa também mostrou que 26,1% (06) dos respondentes possuem um faturamento de R\$100.000,00 à R\$ 1.000.000,00, 17,4% (4) com o faturamento de R\$ 1.000.000,00 a R\$ 5.000.000,00, 4,3% (01) com o faturamento de R\$5.000.000,00 a R\$ 50.000.000,00 e 52,2% (12) acima de 50.000.000,00. Sendo que, 56,5% (13) são de empresas Prestadoras de Serviços, 30,4% (07) são Indústrias, 4,3% (01) são de empresas do ramo da Construção Civil e 8,7% (02) de outras atividades.

Os resultados também apontam que 34,8% (08) das empresas têm menos que 100 funcionários, 30,4% (07) têm entre 101 a 500 funcionários, 13% (03) têm de 500 a 1.000 funcionários e 21,7% (05) com mais de 1.000 funcionários. Sendo que 4,3% (01) das empresas têm um tempo de atividade de menos de 2 anos, 4,3% (01) têm suas atividades

de 2 a 5 anos, 13,0% (03) têm as atividades de 5 a 10 anos e 78,3% (18) tem as atividades com mais de 10 anos.

Crises prolongadas e intensas prejudicam empresas de todas as longevidades existentes. Isso demonstra a severidade do colapso. Por exemplo, o Banco Lehman Brothers, que tinha mais de cem anos de existência, quando pediu falência nos Estados Unidos, em 2008 (CUNHA et al., 2015).

3.1.2 Análise da situação da empresa perante à crise econômica

Quadro 2 – Respostas da pesquisa

Questão	Respostas	Entrevistados	%
A empresa está tendo os resultados financeiros esperados? (1)	Sim	9	40,9
	Não	2	9,1
	Parcial	11	5
Qual a situação financeira atual da sua empresa? (2)	Em recuperação judicial	1	4,5
	Em situação de pedido de recuperação judicial	0	0
	Em funcionamento normal, mas endividada	9	40,9
	Em funcionamento normal e sem dívidas	12	54,5
Em sua opinião o Brasil enfrenta essa situação de crise por qual motivo? (3)	Crise política	7	31,8
	Crise de Gestão Governamental	7	31,8
	Corrupção	8	36,4
	Crise Internacional	0	0
	Outros	0	0
Se houve demissão devido à crise econômica, qual a área foi mais afetada? (4)	Produção	9	64,3
	Comercial	1	7,1
	Administrativa	2	14,3
	Todas as anteriores	2	14,3
Para o segmento onde sua empresa atua a perspectiva econômica para 2017 e 2018? (5)	Afetar de forma negativa e continua sem previsão	5	22,7
	Afetar em 2017 e em 2018 estabilizará	7	31,8
	Não tem previsão	10	45,5
A tendência para 2017 para sua empresa (6)	Inalterado	8	36,4
	Leve melhora	10	45,5
	Crescimento moderado	4	18,2

Fonte: Dados da Pesquisa

Os comentários abaixo, referem-se ao quadro 2:

(1) Os resultados financeiros esperados com "sim" foi de 40,9% (09), o resultado "parcial" foi de 50% (11), e 9,1% (02) responderam que "não obtiveram os resultados.

(2) A situação financeira atual das empresas, de 54,5% (12) responderam que estão em

funcionamento normal e sem dívidas, 40,9% (09) responderam que estão em funcionamento normal, mas estão endividadas e 4,5% (01) estão em recuperação Judicial. (3) A situação enfrentada por causa da crise no Brasil 36,4% (08) apontam que é por conta da corrupção, 31,8% (07) apontam que a situação se dá por conta da crise política e 36,4% (07) apontam a causa na Gestão Governamental.

(4) Com a crise, a área mais afetada foi a produção com 64,3% (09), a área administrativa com 14,3% (02), a área comercial 7,1% (01) e nos conjuntos das áreas foram 14,3% (2). (5) Para os anos de 2017 e 2018 a perspectiva econômica 45,5% (10) não tem previsão, 31,8% (07) afetará 2017 e em 2018 estabilizará e 22,7% (05) afetará de forma negativa e continua sem previsão. (6) A tendência para 2017 esperada para as empresas são de 45,5% (10) de leve melhora, 36,4% (08) inalterado e 18,2% (04) leve melhora.

A crise atual afeta o desempenho do PIB, promove a desaceleração industrial, reduz a renda per capita e aumenta o déficit público. Esse quadro econômico atual é semelhante ao quadro econômico de 1979, que durou vários anos, sendo a década de 1980 considerada como década perdida na economia brasileira (MARANGONI, 2012).

Quadro 3 – Respostas sobre o Perfil Econômico da Empresa

PERGUNTA	Sim	%	Não	%
Alguma área da sua empresa se beneficia com a Crise? (1)	2	9,09	20	90,91
Houve redução de investimento por parte da empresa? (2)	17	77,27	5	22,73
Houve redução da margem de lucro nas vendas realizadas nos anos de 2014, 2015, 2016, em relação aos anos anteriores (2012, e 2013)? (3)	14	63,64	8	36,36
Houve demissão de funcionário devido à crise econômica? (4)	14	63,64	8	36,36
Houve troca de gestores da alta direção? (5)	5	22,73	17	77,27
As investigações sobre a corrupção pela Polícia Federal, tornou o cenário pior para o setor da sua empresa? (6)	5	22,73	17	77,27
Sua empresa lançou novos produtos para fazer frente a concorrência nesses anos de crise? (7)	16	72,73	6	27,27
Para o ano de 2017 a empresa estimou crescimento de vendas em relação a 2016? (8)	15	71,43	6	28,57
Diante da turbulência econômica e política em 2015 e 2016 a sua empresa conseguiu manter sua margem de lucro? (9)	11	50	11	50

Fonte: dados da pesquisa

Segundo o quadro 3, 90,91% (20) dos respondentes disseram que não se beneficiam com a crise, não houve investimentos por parte da empresa 77,27% (17), houve uma redução na margem de lucros em relação aos anos anteriores 63,64% (14), houve demissão de funcionários devido a crise 63,64% (14), não houve troca de gestores 77,27% (17), as investigações pela Polícia Federal não a piorou o cenário 77,27% (17), as empresas lançaram novos produtos 72,73% (16), em 2017 as empresas estimularam o crescimento de vendas 71,43 (15) e de forma igual as empresas conseguiram se manter na margem de lucro de 2015 e 2016.

Os resultados econômicos pesquisados mostram que mesmo com a crise, as empresas têm conseguido manter os resultados esperados, demonstrando que houve novos lançamentos de produtos no mercado, mesmo diante de redução de investimentos e fechamento de vagas de trabalho, principalmente na produção. A semelhança dos problemas enfrentados na atual crise brasileira e de outras crises do capitalismo, mais precisamente a crise de 1929, confirma a constatação de decréscimo dos investimentos, da produtividade, do consumo e do emprego (KRILOW; MARTINS, 2015).

Quadro 4: Grau de importância da sua empresa.

Grau de Importância para sua empresa	Baixo / Ruim	Regular	Médio / Bom	Muito Bom	Excelente
Controle e compra de estoques a níveis mínimos necessários:	2	3	9	5	2
Aumento das vendas mantendo a Margem de Lucro	1	8	5	6	2
Planejamento e Controle dos Custos Fixos:	2	5	5	7	2
Planejamento e Controle dos Custos Variáveis:	2	4	8	5	3
Investimentos em novas máquinas e recursos que modernizem a empresa	5	5	9	1	2
Qualidade e agilidade das informações financeiras para tomada de decisões:	2	2	8	7	3

Fonte: dados da pesquisa

O quadro 4 mostra que os gestores têm se preocupado com controle de estoques de forma mediana (09), o aumento das vendas mantendo a margem de lucro com uma importância regular (8), planejamento dos custos fixos tem sido controlado muito bom (07), os custos variáveis estão sendo controlados de forma mediana (8), os investimentos foram de forma mediana (09) e qualidade nas tomadas de decisões média (8) e muito bom (7).

3.1.3 Pontos Relevantes

Quadro 5: Como os problemas atuais do Brasil estão sendo discutidos para os próximos anos

Resposta	Muito importante	Importante	Alguma importância	Sem importância	Não Sabe
Carga Tributária	13	6	1	1	1
Corrupção	13	5	2	1	1
Crise Política	11	7	0	2	2
Desemprego	12	6	2	2	0
Desigualdade Social	7	7	4	4	0
Educação	7	9	2	4	0
Inflação	9	10	3	0	0
Infraestrutura	10	7	4	1	0
Mercado Externo	7	9	4	1	1
Saúde Pública	9	5	3	4	1
Segurança Pública	10	6	3	3	0

Fonte: dados da pesquisa

O quadro 5 demonstra que a Carga Tributária e a Corrupção são de “muito importante” (13) para ser discutidos nos próximos anos, o desemprego (12) e a crise Política (11).

Quadro 6: 3 temas que na visão do profissional da contabilidade julga ser o mais importante

Opção de Resposta	%	Quantidade
Carga Tributária	95,5	21
Corrupção	50,00	11
Crise Política	36,4	8
Inflação	31,8	7
Mercado Externo	31,8	7
Desemprego	22,7	5
Educação	18,2	4
Infraestrutura	9,1	2
Saúde Pública	9,1	2
Segurança Pública	9,1	2
Desigualdade Social	4,5	1
Outro (especifique)	4,5	1

Fonte: dados da pesquisa

O quadro 6 demonstra que os temas escolhidos pelos profissionais da área de contabilidade que julga ser importante foram Carga Tributária 95,5% (21), a Corrupção com 50% (11), Crise política 36,4% (08) e a inflação 31,8% (07). São temas essenciais a carga tributária e corrupção, a carga tributária com a arrecadação não são suficientes para o orçamento público por conta do montante desviado pela corrupção

Considerações finais

De acordo com os objetivos específicos pretendidos nesse trabalho, em atestar como as empresas estão superando a crise iniciada em 2011 e quais foram as decisões relevantes praticadas para a solução econômica empresarial, verificou-se relativa preocupação dos gestores com o controle dos níveis de estoques, da manutenção segura da margem de lucro em associação com o controle constante dos custos. Os resultados apresentados mostram que 50% (11) das empresas em geral estão conseguindo atravessar o ciclo da crise atual sem grandes problemas na manutenção da margem de lucro.

Mostrou-se óbvio que mesmo os gestores dispendo de bases de informações contábeis e extra contábeis seguras, como características básicas apresentadas na

contextualização, o encolhimento da macroeconomia brasileira atravancou as empresas brasileiras na questão dos investimentos gerais com o alto índice de 77,27% (17) dos entrevistados, conforme o quadro 11. A pesada carga tributária com 95,5% (21), praticamente unânime na opinião dos entrevistados, atualmente é o fator principal para a dificuldade financeira das empresas de acordo com o que é apresentado no quadro 14. O cenário da incerteza política intrínseca com a corrupção reduz o desenvolvimento social e econômico do país, também demonstrado no quadro 14.

Mesmo os entrevistados não considerando o tema desemprego como um dos problemas mais preocupantes, 63,64% (14) das empresas demitiram funcionários devido à crise. Em linhas gerais a pesquisa demonstrou que o causador primário da crise atual, é o Estado brasileiro com suas mazelas e problemas. A limitação do estudo ficou por conta da baixa amostragem de 23 entrevistados. Recomenda-se ampliar a amostra das pesquisas. Esse trabalho comprovou para a classe acadêmica, que a carga tributária é um desafio a ser resolvido. Trabalhos e pesquisas mais detalhadas se mostram necessárias, inclusive aquelas que visam entender com mais detalhes o funcionamento da máquina pública brasileira.

Referências

BONELLI, R. et al. Política embaralha recuperação econômica. **Boletim Macro IBRE**, maio de 2017

BRUNO, B. M. **Espiritualidade política no governo de Khomeini**: o sistema político do Irã após a Revolução de 1979. 2014. 150 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

CUNHA, J. S. et al. Crise Mundial e a trajetória do Brasil, entre 2008 e 2015. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n. 234, p. 4-46, 2015.

ENGDAHL, F. W. **Crisis of the U.S. Dollar System**. Global Economy, 2012. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/crisis-of-the-u-s-dollar-system/3482>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

FERRARI FILHO, F.; SILVA, G. T. F. **A crise financeira internacional de 2007-8 e a Grande depressão: uma análise comparativa**. Porto Alegre: UFRGS/FCE/DECON, 2012.

HARVEY, D. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

HORNUF, L.; SCHWIENBACHER, A. Crowd investing - Angel Investing for the Masses? Handbook of Research on Venture Capital. Business Angels, Forthcoming, v. 3, 2014.

IPEA. **Da crise aos carros flex**. n. 59/2012.

JORGE, C. T.; MARTINS, N. M. Política fiscal e a desaceleração da economia brasileira no governo Dilma (2010-2012). **ASSOCIAÇÃO KEYNESIANA BRASILEIRA. Dossiê da crise IV**, p. 131-140, 2013.

BELIEIRO JUNIOR, J. C. M. **Novos rumos sociológicos**. Economia e Política da transição democrática no Brasil; uma análise dos governos FHC, Lula e Dilma. **Periódicos UFPEL**, v. 4, n. 5, p. 198 - 213, jan./jul. 2016.

KILIAN, L.; VIGFUSSON, R. **The Tole of Oil Price Shocks in Causing U.S Recessions**. Cesifo working, paper no. 5743, category 10: energy and climate economics, february 2016.

KRILOW, L.S.W.; MARTINS, L.C.P. A crise de 1929 e seus reflexos no Brasil: a repercussão do crack na Bolsa de Nova York na imprensa brasileira. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, São Paulo. História da Mídia Impressa.

LOPES, A. C. P. **O Mercado Cafeeiro no Brasil**: um estudo sobre a influência de políticas governamentais dos produtores e exportadores de café da região da alta Mogiana. 2014. 14 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Administração de Empresas) – Centro Universitário de Franca–FACEP, Franca, 2014.

MARANGONI, G. **Anos 1980, década perdida ou ganha**. Instituto de Pesquisa, 2012.

PADOVESE, C. L. et al. Os Desafios na Implementação da Controladoria Estratégicas nas Organizações. **Caderno Profissional de Administração–UNIMEP**, v. 3, n. 2, p. 14-37, 2013.

PAGLIARI, G. C.; TASCA, T. G.; PIMENTEL, F.; O fim da era do Petróleo e a mudança do paradigma energético mundial: perspectivas e desafios para a atuação diplomática brasileira. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Brasília, DF, v. 2, n. 1, p. 185-187, 2011.

PIGNATA, F. A.; CARVALHO, D. O. Efeitos da Crise Econômica no Brasil em 2015. **Revista Eletrônica Diálogos Acadêmicos**. v. 9, n. 2, p. 4-18, jul./dez. 2015.

REIS, J. B. M. A Nova Matriz Econômica e a recessão econômica do governo Dilma Rousseff: erros e consequências sobre o nível de atividade econômica, CONGRESSO DE RELACIONES INTERNACIONALES, VIII., **Anais...** 2016, La Prata.

SANTOS, C. Em busca de fôlego. **Revista Conjuntura Econômica**, FGV IBRE, v. 69, n. 4, p. 11-14, 2015.

SARAIVA, M. G. Balanço da política externa de Dilma Rousseff: perspectivas futuras? **Relações Internacionais**, n. 44, p. 25-35, 2014.

TEIXEIRA, R. A.; PINTO, E. C. A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. **Economia e Sociedade**, v. 21, n. 4, p. 909-941, 2012.

ZUCCARI, P; BELLUZZO, R. C. B. A competência em informação e o perfil empreendedor no âmbito das organizações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 6, n. 1, p. 61-71, 2016.